



LITERATURA E LEITURA - CONCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DE LITERATURA E A
FORMAÇÃO DO LEITOR

Elizete Dall'Comune Hunhoff¹

Resumo: Cotejamos neste texto apresentar uma reflexão sobre o texto literário em sala de aula e sua possível influência no processo de amadurecimento intelectual do leitor. Para tanto baseamo-nos na importância que se deva dar aos estudos e pesquisas do professor, devido ser este profissional a pessoa que está mais próxima do aluno, ser em formação, e, portanto, mesmo involuntariamente, atuar como o mediador nesse processo de formação de leitores. Por meio da leitura orientada o aluno aprende a discernir o cânone e o periférico que, num processo dialético, embatem-se e ampliam o conhecimento e o pensamento crítico. Vimos que a literatura infantojuvenil sem ter o intuito pedagógico acaba por ajudar o educando em sua formação devido a qualidade de leitura que oferece.

Palavras-chave: literatura infantojuvenil, leitura, linguagem, ensino.

Abstract: This text introduces a reflection about the literary text in the classroom and its possible influence in the process of the reader's intellectual growing. With this aim, we based our study in the importance that we must give to teachers' studies and researches due to the fact that he/she is the professional who is closer to the pupil in development, and, therefore, even involuntarily, acts as a mediator in this process of readers formation. By means of the directed reading the pupil learns to discern the canon and the peripheral that, in a dialectic process, impacts against itself and amplify the knowledge and critical thinking. We have concluded that the children and youth literature without having the pedagogical aim helps the student in their formation due to the quality of reading it offers.

Keywords: children and youth literature; reading; language; teaching.

A literatura tem sido um importante canal para o desenvolvimento pedagógico do aluno, e com razão, os cursos universitários, que trabalham diretamente com a educação, buscam novas disciplinas para atenderem ao contexto da modernidade, ampliando o conhecimento a partir de seu contexto sociocultural. Nesse patamar, percebemos o quanto se deve incentivar e valorizar as pesquisas ligadas à formação humana, principalmente, a partir da infância e da adolescência, visando à educação das crianças e jovens, para que estes possam se desenvolver criticamente e passem a entender e a participar dos fenômenos sociais com os quais interagem diretamente em seu dia a dia, em seu desenvolvimento intelectual e em seu processo histórico.

1. Doutora em Letras/Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Docente da UNEMAT/Campus de Tangará da Serra.

Os professores, qualificados nas diversas áreas do saber, ao desenvolverem pesquisas ligadas às áreas da linguagem literária, verbal e não verbal, cada vez mais atuam no fortalecimento do processo de interação social, contribuindo assim para a possível ampliação de avanços científicos no âmbito das relações humanas, culturais e literárias.

Ao visar aos estudos da linguagem em obras literárias, como processo de interação humana, em suas múltiplas manifestações, media-se ações que desenvolvam competências linguísticas dialógicas, pois se procura a possibilidade de dar visibilidade às causas de dificuldades na formação de leitores, cujos problemas trazem subjacentes marcas da modernidade, da transitoriedade e de ideologias, que tanto constroem quanto abalam as relações humanas.

É importante que o profissional da educação pesquise e, ao fazê-lo, possivelmente, encontrará na produção literária, e mais ainda na literatura infanto-juvenil, contemporânea, propícia leitura e mecanismos de incentivo ao desenvolvimento do leitor crítico, porque esta, indiretamente, dá visibilidade ao funcionamento discursivo ligado à questão infantojuvenil relativa à educação. Ações como estudos literários sobre a lírica e a narrativa, de textos do gênero literário, ou ao conhecer diferentes obras de escritores e poetas da literatura de Língua Portuguesa, do Brasil e de Portugal, dentre outros, e analisá-las sob os aspectos da literatura comparada, acabam por desenvolver o interesse por estudos de literatura e incentivo à leitura, vislumbrando um ensino constitutivo de saberes que fazem sentido ao aluno e possibilitam promover sua consciência de cidadania. Ao se refletir como se dá a inclusão de textos literários nas atividades cotidianas do aluno, nas escolas, propomos uma possível mudança de paradigmas.

O estudo de obras e as análises de textos literários de autores contemporâneos, principalmente, mostram a clara relação existente entre língua, literatura, sociedade e cultura. Também a pesquisa de campo e a elaboração de artigos para apresentação em eventos valorizam e levam os profissionais das áreas de literatura e de língua a uma autovalorização, pois, significa que mostrarão trabalhos com características e particularidades próprias, cujo desenrolar se deu num processo de crescimento intelectual.

Literatura infantojuvenil

Sentimos que na mente humana se processam as diferentes ideologias que vão atuar nas ações da vida social de cada pessoa, razão suficiente para que esta receba orientações basilares que a fortaleça para os duelos que vai travar em diferentes situações sociais. Essas orientações podem advir de diferentes leituras propostas na escola e na família.

Ao propormos a reflexão sobre pesquisas as vias da literatura infantojuvenil, procuramos refletir sobre como se processa a formação do leitor, tanto no âmbito escolar quanto familiar, e, assim, procuramos entender como é possível desenvolver um leitor crítico a partir de leituras que despertem atitudes e gestos, e que tornem os leitores eufóricos em relação ao desenvolvimento de suas potencialidades. Como Regina Zilberman (1989, *passim*), cremos que a literatura infantojuvenil apresenta um campo de trabalho extenso e desconhecido, que

chega a ocorrer com o pesquisador o que ocorreu com Cristóvão Colombo: “pensa-se ter descoberto o caminho das Índias, quando, de fato, se tangenciou um continente inexplorado, cujo perfil exato ainda está por ser definido” (1994, p. 21). Percebemos que nos espaços escolares, quando ali não se prioriza a leitura, esses atuam como elemento disfórico em relação aos problemas sociais, pois negam o desenvolvimento intelectual, banalizam valores que distorcem a construção de identidade em jovens em formação. Vemos que, num processo intertextual, os textos literários infantojuvenis se mostram a múltiplas interpretações, tanto na língua quanto na literatura e até em outras áreas, como na psicologia, na filosofia e na sociologia, com marcas que se manifestam em diferentes vozes e tempos.

Citamos os textos do gênero contos de fadas e contos maravilhosos, os quais exercem uma função especial na vida do ser humano. Segundo Bruno Bettelheim (2000, *passim*), estes lidam com as proporções mais importantes sobre o desenvolvimento de nossas vidas, por isso não nos surpreende o fato de que muitos se centralizem nas dificuldades edípicas. Na história de “Razunzel”, a feiticeira trancou a menina na torre quando ela atingiu doze anos, fato que, aos olhos da psicanálise essa ação é desencadeada pelo ciúme da mãe que quer impedir a filha de ganhar a independência, pois “[...] a sua história é de certa forma, a de uma garota pré-púbere e de uma mãe ciumenta [...]” (BETTTELHEIM, 2000, p.25). Assim, os contos de fadas não só enfocam problemas advindos dos filhos, mas também as dificuldades relacionadas com os pais. Por isso, muitas paródias de fadas tocam nos problemas deles. Também, esses contos vislumbram a possibilidade de o leitor perceber que a personagem encontrou uma saída para seus problemas a partir de seu próprio corpo: “[...] as tranças pelas quais o príncipe subia até o quarto na torre”(2000, p. 25). O corpo lhe assegurou sair da condição de prisioneira, como fonte de segurança, demonstrando-se que o conto de fadas pode ter muito a oferecer no processo de amadurecimento intelectual dos leitores. Portanto, no dia a dia da leitura desse tipo de conto, enquanto a criança é encorajada a acreditar que poderá encontrar uma saída para as dificuldades, edípicas ou não, os pais são advertidos das consequências desastrosas para eles, se deixarem-se aprisionar por elas.

Contexto sociocultural contemporâneo

Sentimos que o mosaico de eventos que ocorre neste tempo de pós-modernidade frustra as expectativas do ser humano, que se surpreende diante da complexidade de fatos, ora marcados pela transitoriedade de sentimentos não correspondidos, mal interpretados, e pouco resolvidos no âmbito das convenções sociais, estas estabelecidas por posições ideológicas que castram ideais e perturbam as consciências.

No processo linguístico, assim como Orlando Vian e Roberto Lima-Lopes (2005, p.30), sentimos que a organização do contexto e a linguagem são funcionalmente diversas, embora estejam intimamente ligadas. Por isso a linguagem se organiza mediante três metafunções: experiencial, interpessoal e textual; portanto, a literatura ao ser lida e interpretada propiciará a meta reflexão nas relações: experiência, alteridade e construção do conhecimento.

Mário Perini (2001, p. 92) comenta que em língua xavante é difícil traduzir alguns termos matemáticos devido à falta de experiências culturais nessa área de conhecimento, entre seus falantes. Então, entendemos que, pela leitura, principalmente de textos ficcionais, o povo xavante mais facilmente entenderá as diversas possibilidades e situações que valorizam esse tipo de linguagem. Na obra “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, a personagem Fabiano é um ser que aparece sempre inconformado com sua inaptidão com os números, e sua frustração de ‘saber que não sabe’ oferece ao leitor uma lição sobre a pertinência da matemática na vida do ser humano.

Assim, por meio de estudos e elaboração textuais, orais e escritos, referenciais ou ficcionais, o estudo da cultura contextual envolve a observação de como a língua é estruturada para o uso, de forma a observar como as pessoas “usam a língua para alcançar seus objetivos, culturalmente motivados”. (EGGINS *apud* VIAN; LIMA-LOPES, 2005, p. 31). Por isso, a linguagem, na literatura e em diferentes gêneros, faz o ser humano transportar-se para diferentes realidades, ampliando seu poder de manifestações linguísticas e oferece práxis que vislumbram, nas marcas textuais, a possibilidade de entender o processo interacional e persuasivo dos discursos e diferentes instâncias e gêneros: indígenas, midiáticos, pedagógicos, ficcionais e outros, e levam o leitor a refletir sobre o processo gerativo de sentido que poderá ajudar a melhorar as suas relações comunicativas.

Por conseguinte, as diferentes abordagens sobre a linguagem, na perspectiva teleológica e perceptual, definem-se a partir de um arcabouço teórico que congrega teóricos, das diversas áreas das ciências humanas. Os escritores, ao constituírem seus pilares, apegam-se ao signo, à palavra, cujas conotações conduzem ao inesperado, com diferentes nuances interpretativas, chegando ao leitor/ouvinte com um universo plural de sentidos. Por isso, entendemos ser o contexto que ilumina e interroga a memória, chegando à consciência do leitor, virtual ou real, fazendo-o refletir sobre seus fantasmas, seus pseudoconceitos que a língua ou a literatura converte em objetos reais e possíveis de serem tomados como verdadeiros conceitos. Isso tudo porque contextualizar não é simplesmente datar, mas inserir imagens, pensamentos em uma trama multidimensional, em que o ‘eu’ é, ora experiências novas, ora lembranças, ora valores tradicionais, ora anseios de mudança e ora suspensão desoladora de crenças e esperanças. O texto literário, segundo Alfredo Bosi (2000, p.13), pertence à História Geral, mas é preciso conhecer qual é a história peculiar imanente e operante em cada texto. Os ideais, muitas vezes, não contam no julgamento nem na ação, senão como elementos secundários, e somos nós, os professores desta época, que devemos preparar uma geração capaz de julgamento independente, lógico, em que a afetividade ilumine as ideias, e não as deturpe; isso porque os jovens participam da vida social, ouvem noticiários, pelo rádio, TV, cinema e participam dos fatos, mesmo no momento de sua realização, antes da possibilidade de uma análise de causa e efeito, com uma análise apaixonada. A toda hora uma gama de conceitos e de falta de certezas conceituais, perturba uma geração que se forma. Hoje, a vida renasce a cada hora, chacoalha as convicções anteriores e vemos a própria história do passado ser alterada nas interpretações fugazes do presente.

Pela leitura e análise de textos, não só organizamos nossas ações diárias, mas também criamos significações e fatos sociais, num processo interativo tipificado num sistema

de atividades que encadeia significativamente as ações discursivas. Parafraseando Antônio Marcuschi (2005, p. 12), vemos nas reflexões a cerca das marcas enunciativas da textualidade que estas conduzem o pensamento às formas de natureza retórica e histórico-cultural, centrando-se, principalmente, na escrita. Então, entendemos que, quando o pensamento é instigado à reflexão histórico-cultural na ficção, este devaneia por mundos imaginários que encantam, que abalam, que constroem ou lutam, expondo o intelecto do leitor a um embate de experiências que o fortalecem. Vemos que é por meio da língua, unida ao pensamento, que a avaliação humana se edifica. E, cabe ao professor de língua e de literatura, ao refletir sobre o presente, ensinar o aluno a ler obras perenes, a ouvir rádio, a ver televisão, a assistir a filmes, a julgar atos, livros, fatos, etc., pois a língua se reveste de todos os aspectos: banais ou nobres, e somente com senso crítico se fará a distinção necessária. O profissional de Letras, indiretamente, prepara o aluno para entender os enunciados de Matemática e de outras disciplinas, pois não mais é possível ensinar a língua materna dentro de um campo restrito; a realidade exige a interrelação escola-vida. "(...) O desenvolvimento do pensamento crítico também está a pedir da escola atenção especial, com preparação para a análise de situações problemáticas que se apresentam comumente" (OLIVEIRA, 1980, p.14). Alaíde Lisboa de Oliveira comenta que, tanto no ensino de língua quanto no ensino de literatura, a atenção do professor deve voltar-se para o desenvolvimento da capacidade reflexiva do aluno, pois os estudos da língua influem na receptividade, compreensão, expressão crítica diante das mensagens. E na literatura há o alargamento da reflexão, o aprofundamento da percepção, do ver, do sentir, do apreciar e de viver valores mais conscientemente.

○ texto sob a ótica da literatura comparada

Entre o momento em que desenvolvemos este texto e aquele em que o mesmo será lido, sem dúvida se terá operado algumas mudanças. Por isso, o que pretendemos é captar o voo, mesmo que provisoriamente, da imagem temporal em movimento, presentes em textos, tais como: propagandas, crônicas jornalísticas, ensaios, textos pedagógicos, telenovelas, contos, poemas, etc. Ao praticarmos a análise e o comparatismo entre diferentes textos, evidenciaremos a importância de seu conteúdo, na condução do tema e da mensagem, que se mostram como o arcabouço de uma memória social, do homem moderno que vive num mundo caótico, de visões fragmentadas, de valores distorcidos e, então, mostra na produção de seus textos esse universo complexo, caótico e emblemático. Ao procurar desvendar esse processo interpretativo, aberto e polissêmico, poder-se-á, quem sabe, entender um pouco mais a sociedade pós-moderna.

As pistas pertinentes em cada leitura levam o intérprete a assumir uma posição de cautela na hora de historiar a gênese de um texto, porque este traz em si marcas de tempos, culturas e de contextos diversos, convergentes na sua produção. Isso porque o signo, junção de certos pensamentos a certos sons, é um fenômeno histórico e social; arbitrário, pode manter-se igual a si mesmo ao longo do tempo, mas pode também mudar, ceder lugar a outro. O seu valor apura-se num contexto e as conotações que o penetram são, quase

sempre, ideológicas. A dialética que vibra na vida da poesia não é diferente da dialética social, e como esta, não supera *ser / conservar*. Filtra, mas também potencializa a essência do mundo e dos sentimentos.

Ao comparar as produções de textos, verificamos num processo intertextual que a repetição de um texto por outro nunca é inocente, pois toda repetição está carregada de uma intencionalidade e quer submeter, quer atuar com relação ao texto anterior. Para Tânia Carvalhal, a repetição, quando ocorre, sacode a poeira do texto anterior, renova-o, reinventa-o.

A noção de intertextualidade abre um campo novo e sugere modos de atuação diferentes ao comparativista. Do velho estudo, das fontes para as análises intertextuais é só um passo. Mas essa é uma travessia que significa para o comparativista engavetar os antigos conceitos (e preconceitos) e adotar uma postura crítico-analítica que seus colegas tradicionais evitavam. Principalmente, as novas noções sobre produtividade dos textos literários, comprometem a “velha” concepção de originalidade. (Ibidem, 1986, p. 23).

Então, para interpretar textos e analisar os procedimentos que caracterizam as relações entre eles, é necessária uma atitude crítica textual, a qual precisa ser entendida pelo teórico. Tem-se que compreender que o diálogo entre os textos não é um processo tranquilo, pois sendo os textos um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais, eles são um ‘local de conflito’, que nos cabe investigar, numa perspectiva intertextual. Cabe-nos, pois, não só constatar que um texto resgata outro texto anterior, apropriando-se dele, mas examinar essas formas caracterizando os procedimentos efetuados.

Hoje, graças à constância de estudos e pesquisas, nas diversas áreas do conhecimento, vemos que o critério cronológico, como objeto mutável por efeito de leituras no tempo e no espaço, transformou-se e passa a ter seu real lugar no cânone linguístico e literário. O que vemos é que estudos comparados progredem e atraem cada vez mais especialistas de diferentes áreas, isso porque o comparativismo não é uma técnica aplicada a um domínio preciso e restrito, mas sim reflete um estado de espírito feito de curiosidade, de gosto pela síntese, de abertura a todo fenômeno linguístico e literário, quaisquer que sejam seu campo e seu lugar. “Como a astronáutica ou a física nuclear, porém, mais intimamente ainda, a literatura comparada tem sua sorte ligada às paixões dos homens. É por isso que ninguém pode dizer de que será feito o amanhã.” (BRUNEL, 1995, p.19). Para Pierre Brunel, sob uma forma e outra, o nacionalismo ‘primário’ ao qual sucede às vezes uma onda de cosmopolitismo nivelador, o ato de comparar retira um nacionalismo secundário, diversidade na unidade, consciência apaziguada das semelhanças e das diferenças, dos vínculos e das rupturas e, este movimento perpétuo de ir e vir, de sístole-diástole continuará, por ser um princípio elementar de toda vida humana.

Temas como a violência, o preconceito, a banalização do homem, da arte e da poesia; o pedagógico, o midiático, presentes em textos literários, podem mostrar-se como fator de identidade entre as concepções dialógicas que estão cristalizadas na cultura social, e parece ser um vínculo importante a ser analisado: qual o veículo que permite que um

tema se torne tão visível nos textos de autores diferentes e distantes? Esse veículo, possivelmente, é o próprio contexto histórico-social, de exílio da alma, que avassala o ser humano do início do século XXI.

Para Adorno (1980, p. 194), a universalidade do conteúdo ficcional é essencialmente social, pois a solidão da palavra é pré-traçada pela sociedade individualista, atomística e, inversamente, sua postulação de validade reside na densidade de sua individuação. Por isso, pensar na leitura de diferentes textos, informativos ou literários, liga-se ao comprometimento de pensar o conteúdo social, não se satisfazendo apenas com o vago sentimento de algo universal e abrangente, embora os textos literários sejam mais relevantes à afetividade, ao engajamento de reflexões mais profundas que possibilitam o sentir, desenvolvem o saber apreciar e alargam os horizontes intelectuais de tal maneira que o leitor passa a viver os valores mais conscientemente, porque “[...] De todas as artes, a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil, é, sem dúvida, a arte da palavra, [...]”. (OLIVEIRA, 1980, p. 14). Por isso mesmo o profissional de língua e de literatura busca valorizar a comunicação pela palavra, como um norte no ensino aprendizagem.

O discurso cotidiano, persuasivo, ao ser analisado, implica na repetição do significante, o que implica que ele reenvia o sentido ao significado. Sendo uma relação, o seu sentido só pode ser uma relação; e a identidade dos significantes significa a identidade dos significados, cuja fórmula saussureana servirá de fundamento a esta “motivação relativa”, ou seja, um mesmo tema pode funcionar como sinal de redundância semântica, o que constitui a coerência interna de um discurso. Para Cohen (1982, p. 55), a repetição do signo (significante + significado) é um fato que, proscria em prosa, abunda em poesia, pois, nas unidades repetíveis, o significado já não é o mesmo; de forma que se pode sustentar que a palavra, uma vez repetida, passa a ser outra unidade de significação. Portanto, a significação sígnica não apresenta nenhuma prova sobre a mudança de sentido do signo, por este ser diferente, por natureza, do sentido prosaico. É o que Fontanier (1997) chama de *metábola*, que consiste em acumular várias expressões sinônimas para pintar uma mesma ideia, uma mesma coisa, com mais força. Enfim, a análise de textos, comparativamente, pode nos fornecer uma das razões do desmoronamento de certos valores e possíveis mudanças de ideologias que determinam o mundo das ideias na atualidade; há uma situação de caos no sentir de muitos textos.

O ‘sentido’ de certos textos/discursos podem propor uma ideia disfórica (GREIMAS *apud* RECTOR, 1979) que categoriza o uso dos lexemas com valor positivo (eufórico) e negativo (disfórico), marcando o sentido semântico a partir do sentimento do intérprete em relação ao texto. Vemos que a ‘visão de mundo’ em diferentes contextos estabelece ou não, uma correspondência: um patema eufórico ou disfórico, que partilha um sentimento positivo ou negativo, em relação ao referente.

Entendemos que a linguagem é algo duplo, pois, por meio das configurações ela se molda inteiramente às emoções subjetivas. O próprio indivíduo soa na linguagem, até que esta ganha voz. O paradoxo, proposto por Adorno, é que a subjetividade vira objetividade, por estar ligada à preeminência da forma linguística na lírica, de que provém o primado da linguagem na criação literária.

Montaigne (apud MANN, 1975, p.18), ao escrever sobre a arte da palavra, disse que os grandes espíritos não trazem novas palavras para a língua, mas enriquecem àquelas que empregam, condensam e aprofundam a sua significação, comunicando-lhe com engenho e prudência, inesperados movimentos. O significado de um texto ultrapassa fronteiras, com movimentos inesperados, pois diz/produz tudo aquilo que a Humanidade espera, com significativo tom de engajamento com a própria história do homem, cujo sentido de linguagem é um instrumento de recebimento, elaboração, transmissão de ideias, de sentimentos espontâneos e requintados que pode e deve ser desenvolvida e alicerçada nos bancos escolares.

Considerações

O texto literário proporciona, a todo leitor, interpretações que conduzem o seu imaginário a elaboração de imagens. Estas significam uma pluralidade de pensamentos que promovem a ampliação de horizontes, mediam ideologias, constroem e desconstroem culturas. A leitura de textos infantojuvenis proporcionam ao leitor em formação uma aventura intelectual que, certamente, afetará seu amadurecimento intelectual, proporcionando-lhe, além do prazer estético, um exercício mental. Assim, mesmo sem a intenção didática pedagógica, esse gênero textual acaba sendo propulsor do ensino pela qualidade que apresenta, ao ser levado e orientado no ambiente escolar. Acreditamos que a literatura comparada seja um canal que contribui para o entendimento dos diferentes ambientes políticos e sociais dos países, dando conta de importantes diferenças de tom, estilo e assunto, ao atravessar fronteiras linguísticas e ideológicas. Pois, ao analisarmos poemas de Petrarca e de Shakespeare, propomos um estudo de interconexão interativo em literatura, cuja proposta cooperativa proporciona uma perspectiva alvissareira para todo leitor, por oferecer-lhe ideias em jogo dialético. Concluímos, menos eufóricos e mais conscientes, que os resultados de nossas ações no processo de ensino aprendizagem ajudam a traçar um percurso que auxilia na melhoria da educação contextual.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Lírica e sociedade*. In: **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Schwarcz, 1999.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. 6.ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2000.
- BRUNEL, P.; PICHOS, Cl. e ROUSSEAU A. M. **O que é literatura comparada**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- BERGSON, H. **Matéria e Memória**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BETTELHEIM. B. **Psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2000

-
- _____. **Duração e simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CANDIDO, A. **A Educação pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 2000.
- CARVALHAL, T. F. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.
- COELHO, Nelly N. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- COHEN, J. O discurso da Poesia. In.: **Poétique** – revista de teoria e análise literárias. Coimbra: Livr. Almedina, 1982.
- COUTINHO, E.; CARVALHAL, T. F. **Literatura Comparada**. Textos Fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FONTANIER, J. M. **Vocabulário latino da filosofia**. São Paulo: WMF Martins fontes, 1997.
- MANN, Heinrich. **Pensamento vivo de Nietzsche**. São Paulo: Editora da USP, 1975.
- OLIVEIRA, A. L. **Ensino de Língua e literatura**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1980.
- PERINI, M. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 2001.
- RECTOR, M. **Para ler Greimas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1979.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- VIAN, Orlando Junior; LIMA-LOPES, Roberto de. **A perspectiva teleologia de Martin para a análise dos gêneros textuais**. In. MEURER, J.L., et al. Gêneros, teorias, métodos debates. São Paulo: Parábola, 2005.
- ZILBERMAN, R. **O escritor lê o leitor, o leitor escreve a obra**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

